

Aspectos Pneumatológicos do Sacramento da Crisma

Pneumatological Aspects of the Sacrament of Confirmation

RAFAEL CERQUEIRA FORNASIER*
JORGE RICARDO DA SILVA VALOIS**

Resumo: O presente trabalho possui como temática a dimensão pneumatológica existente na teologia do sacramento da Crisma. Dessa forma, apresenta alguns dados histórico-teológicos na economia da salvação que fundamentam a sacramentalidade da Confirmação. Além disso, apresenta uma reflexão sobre os efeitos, sempre a partir da dimensão pneumatológica, que o referido sacramento manifesta na vida do crismado, especialmente o seu caráter de consagração. Como metodologia, foi utilizado o método de pesquisa qualitativa, com emprego de revisão bibliográfica. Portanto, pode-se afirmar que a Crisma possui, na economia da salvação, seus alicerces na missão do Espírito, desde a Criação, batismo no Jordão e Pentecostes, atualizando no fiel a mesma graça infusa nesses momentos histórico-salvíficos. Ademais, a unção crismal promove uma maior configuração a Jesus, o Cristo de Deus, e sua missão de anúncio e testemunho.

Palavras-chave: Pneumatologia. Economia Sacramental. Crisma.

Abstract: The theme of this present article is the pneumatological dimension in the sacrament of Chrism. In this way, it presents some historical and theological data, in the salvation economy which underlie the sacramentality of Confirmation. Besides, it reflects on sacramental

* Pe. Rafael Cerqueira Fornasier é Doutor em Teologia. Professor na Universidade Católica do Salvador-BA, Diretor do Pontifício Instituto Teológico João Paulo II para as Ciências do Matrimônio e da Família - seção brasileira e do Instituto de Filosofia e Teologia do Seminário São José da Arquidiocese de Niterói-RJ. Contato: perafaelornasier@gmail.com

** Jorge Ricardo da Silva Valois é graduado em Teologia pela Universidade Católica do Salvador. Contato: jorge.valois@ucsal.edu.br

effects, from pneumatological dimension, that the sacrament manifests in life of the confirmed, specially the consecration. For that, it adopted qualitative research as a methodology by means of literature review. Thus, it can be affirmed that the Chrism has, in the economy of salvation, its bases in the mission of the Holy Spirit, since the Creation, baptism in Jordan and Pentecoste, which updates in the confirmed the same grace infused in those moments. Beyond that, the chrismal unction promotes a greater configuration to Jesus, the son of living God, and his mission of announcement and witness.

Keywords: Pneumatology. Sacramental Economy. Chrism.

Introdução

A ação do Espírito Santo na história da salvação continua a necessitar de constantes estudos e reflexões no campo da Teologia. De fato, talvez a Terceira Pessoa da Trindade seja a menos estudada, seja porque sua presença nas Escrituras esteja de forma mais discreta do que a do Pai e a do Filho, seja porque a sua própria identidade pode encontrar dificuldades de compreensão, já que a relação pai-filho é natural e facilmente entendida pelo ser humano, pois está presente em todas as culturas.

Em vista disso, o presente estudo quer ser uma colaboração no âmbito da pneumatologia sacramental, especialmente, sobre os fundamentos pneumatológicos do sacramento da Crisma. Com efeito, tal sacramento, dentre os da iniciação cristã, apresenta consideravelmente menos estudos, quer pelo seu ofuscamento com relação ao Batismo, pois era tido apenas como uma confirmação deste e, portanto, opcional, quer por sua forte vinculação com o Espírito Santo, chamado de “o grande desconhecido” por Josemaría Escrivá (2018).

No entanto, a Igreja considerou sempre a Confirmação como um sacramento da iniciação cristã. E, como tal, não é constituída por elementos autônomos e independentes, mas como uma totalidade integrante com os outros sacramentos da iniciação cristã. Apesar de, no Ocidente, ter havido uma separação celebrativa entre o Batismo e a Confirmação, nunca se entendeu que eles estivessem desconectados um do outro.

Porém, a sacramentalidade da Crisma é própria e específica, diferente da sacramentalidade do Batismo. Dessa forma, a proposta desse artigo é justamente entender e aprofundar quais os elementos de sacramentalidade originária possui a Confirmação e como situá-la no panorama teológico da economia da salvação. E, em vista disso, o que a Crisma aporta de novo e

original, não devendo ser considerada apenas um complemento ou uma ratificação do Batismo. Para tanto, a metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa, por meio de revisão bibliográfica.

1 A Confirmação na Economia do Espírito

No itinerário da iniciação cristã acontece, na ordem da graça, algo novo, que não ocorreu no batismo e que é marcado por uma nova comunicação sacramental da graça da salvação. Assim, não se pode sustentar, de acordo com Oñatibia (2000), que o essencial do sacramento da Confirmação é ser apenas uma nova expressão litúrgica que destaca alguns dos aspectos recebidos no batismo, à guisa dos ritos explicativos na celebração dos sacramentos, ou ainda, apenas uma ratificação pessoal do batismo, recebido sem possibilidade de adesão pessoal, quando criança.

Dessa forma, a Crisma, tido pela Igreja como um sacramento¹, não pode ser entendida apenas como um apêndice do batismo, mas possui sua sacramentalidade própria, na condição de fortalecimento, aperfeiçoamento, robustecimento e complemento da graça batismal. Dessa maneira, possui uma dinâmica própria e autônoma na economia da salvação, para além do batismo, apesar de ambos os sacramentos estarem profundamente interligados (SC, n.71). Com efeito, nas liturgias orientais, a Confirmação é conferida sempre logo após o batismo.

ela [a Tradição] falará das duas intervenções complementares do Espírito e, daí, procurará identificar a especificidade de cada uma delas: isso que lhe fará pensar que, na Confirmação, o cristão recebe um dom mais especial do Espírito. Mais concretamente, a Tradição afirmará que o batismo apenas começa aquilo que a Confirmação aperfeiçoa e conclui.² (Roberge, 1971, p. 221, tradução nossa).

Antes de tudo, é preciso reconhecer que, assim como o Batismo, a Confirmação é, antes de tudo, sacramento da Páscoa, possuindo, portanto, uma profunda dimensão cristológica. De fato, dois dos símbolos tradicionais da Crisma são a unção e a sinalção, que possuem sua tipologia veterotestamentária

¹ Concílio de Trento, DS 1628.

² Elle [la Tradition] parlera de deux interventions complémentaires de l'Esprit et de là, cherchera à identifier la spécificité de chacune d'elles: ce qui l'amènera à penser qu'à la confirmation le chrétien reçoit un don plus spécial de l'Esprit. Plus concrètement, elle affirmera que le baptême ne fait que commencer ce que la confirmation perfectionne et achève.

na unção de sacerdotes, reis e profetas e, na nova economia, no reconhecimento de Cristo e da comunidade cristã primitiva de ser Ele o Ungido de Deus (Mt 3,16 e Lc 4,18).

Assim, deve-se reconhecer que também o sacramento da Confirmação, como todo sacramento, é celebração memorial do mistério de Cristo em sua totalidade. Na vida de Jesus, os escritos do Novo Testamento e a Tradição assinalam diversas unções do Espírito: na Encarnação, depois no Batismo no Jordão e na Ressurreição (Oñatibia, 2000). E, em cada um desses momentos, a unção recebida por Jesus vem do Espírito Santo, demonstrando a profunda relação entre as Pessoas da Trindade econômica.

Por isso, como sacramentos que possuem a função de realizar na vida de cada cristão a plenitude da salvação, Batismo e Crisma possuem sua raiz e fundamento nas missões do Filho e do Espírito. Porém, com matizes diferentes, cada um acentuando um aspecto da economia salvífica neotestamentária, para que se complete na vida do cristão a mesma plenitude da salvação trazida por Cristo e operada por meio do Espírito.

Pois, se o Batismo nos torna participantes da graça pascal, a Confirmação nos torna participantes do dom culminante da Páscoa, se o Batismo é sinal do dom gratuito da vida de Deus, incorporando-os à vitória de Cristo sobre o pecado, a Confirmação é o sinal gratuito do dom pentecostal do Espírito, que nos integra à manifestação dessa vitória sobre o pecado na humanidade inteira; se o batismo abre a primeira iniciação a Cristo e à Igreja, a Confirmação a sublinha e “aperfeiçoa” a partir de uma experiência de Cristo na Igreja, ou da Igreja em Cristo.³ (Borobio, 1976, p. 120, tradução nossa).

Dessa maneira, há uma analogia dos sacramentos do Batismo e Crisma com o cerne da economia salvífica neotestamentária. Conforme Schillebeeckx (1965), o mistério do culto santificante da Igreja é o mistério sacramental de Páscoa e Pentecostes, que se dirige pessoalmente mediante a Igreja e, nela, até o indivíduo que o recebe. O Batismo assemelha o cristão à morte e ressurreição de Jesus (Rm 6, 3-11), enquanto que a Confirmação significa a vida pelo fruto

³ Pues, si el bautismo nos hace partícipes de la gracia pascual, la confirmación nos hace partícipes del don culminante de la Pascua; si el bautismo es signo del don gratuito de la vida de Dios, incorporándonos a la victoria de Cristo sobre el pecado, la confirmación es el signo gratuito del don pentecostal del Espíritu, que nos integra a la manifestación de esta victoria sobre el pecado en la humanidad entera; si el bautismo abre la primera iniciación a Cristo y a la Iglesia, la confirmación la subraya y “perfecciona” a partir de una experiencia de Cristo en la Iglesia, o de la Iglesia en Cristo.

da Páscoa, que é o envio do Espírito pelo Senhor. Por seu turno, Max Thurian (1963) entende que o Batismo de água não significa, em si, o dom do Espírito. Por isso, tal Batismo, para diferenciar os primeiros cristãos dos discípulos de João Batista, foi acompanhado pela imposição das mãos, que remonta à presença do Espírito em Pentecostes.

Pode-se, portanto, destacar alguns aspectos da economia própria do Espírito com a celebração do sacramento da Confirmação, a partir da Escritura e da Tradição, a fim de que se esclareça e aprofunde a realização sacramental como memorial e atualização eficaz da missão do Paráclito na economia da salvação. Conforme atesta Oñatibia (2000), nenhum outro sacramento, além da Ordem, apresentou tão explicitamente, no ritual-simbólico, uma epiclesse em sentido estrito. Dessa maneira, é necessário entender, consoante sublinhado por Congar (1972), a originalidade do selo do Espírito na Confirmação, que não pode ser reduzido apenas ao plano sacramental, mas deve envolver o plano teológico e da economia.

Com efeito, é uma ação da Trindade econômica, já que se trata de uma tradução, no interior do processo da iniciação cristã, daquilo que acontece no plano macro da história da salvação e que forma uma unidade: a Economia salutar que comporta, depois da missão do Verbo na encarnação, uma missão do Espírito. Dessa forma, é pertinente entender a Crisma no interior da história da salvação, como uma manifestação privilegiada da missão do Espírito. Por isso que a Tradição sempre identificou tal sacramento com momentos histórico-salvíficos vinculados à Terceira Pessoa da Trindade.

1.1 Na Criação, o Espírito Pairava sobre as Águas

Na narrativa da criação, o Espírito pairava sobre as águas (Gn 1,2), dando a entender que da massa informe e vazia, do caos, simbolizado pela água, o Espírito Santo fecunda toda a criação. De acordo com Francesco Bindella (2019), a melhor tradução seria o Espírito “chocava sobre as águas”, esclarecendo o seu sentido de agente transformador e vivificador de tudo o que foi criado pelo Pai. De fato, a criação possui participação de toda a Trindade, cada Pessoa Divina na sua especificidade e atuação específica. Cabe ao Espírito Santo, como um selo, completar a obra da criação, levando-a à perfeição e santidade originais.

Dessa forma, Cipriano de Cartago (2013), na Epístola a Pompeu, indica que, pelo batismo são dados o nascimento e a regeneração, para depois, o cristão, receber, pela imposição das mãos, o Espírito Santo. Porquanto, explica dizendo que, da mesma forma que Deus criou Adão e depois lhe insuflou um

hálito de vida, assim também na economia sacramental batismo-crisma, o cristão primeiro nasce nas águas do Batismo, para depois receber o dom do Espírito, sopro divino, Senhor que dá a vida, como ensina o Credo Niceno-constantinopolitano.

Por sua vez, a teologia de Tertuliano (1952) faz uma importante analogia do Batismo com o início da criação, com o episódio do dilúvio. Ensina o autor que, depois que as águas do dilúvio foram purificadas da antiga mancha, depois desse batismo do mundo, a pomba retorna com um ramo de oliveira, que, como mensageira, vem anunciar à Terra o apaziguamento da cólera do Céu. Assim, segundo uma disposição parecida, mas cujo efeito é todo espiritual, a pomba, que é o Espírito Santo, voa sobre a Terra, ou seja, sobre o cristão, logo depois do banho batismal, pelo qual o cristão foi lavado de seus antigos pecados. A pomba do Espírito aporta a paz de Deus, como mensageira do Céu, aonde se realiza a Igreja, cuja arca é figura.

Também Hilário de Poitiers⁴ (2012) entendia que Cristo chamou os cristãos para participarem da herança de Deus Pai e a viver à sua imitação, esperando a sua vinda gloriosa. Isso é dado sacramentalmente por meio do Batismo e da Crisma, assim como o sol e a chuva (Mt 5,45). O sol, assim, é comparado ao Batismo, porque ilumina aqueles que estavam nas trevas do pecado, para serem inundados pela água do Espírito na Confirmação, cujo gesto da imposição das mãos também revela um poder que desce do alto, assim como a chuva.

1.2 No Batismo do Jordão, o Espírito Vem em Forma de Pomba

Para os Padres, há uma dupla unção sacerdotal de Cristo: na Encarnação e no Jordão. O batismo seria entendido como uma participação na primeira dessas unções e, pela Confirmação, participa-se da unção de Cristo recebida no Jordão e difundida a partir de Pentecostes. Essa segunda unção de Jesus não possui um matiz propriamente ontológico, porque o Cristo já havia sido consagrado sacerdote da humanidade ao assumir a natureza humana, mas missiológico, ou seja, torna manifesta a missão do Filho, o seu ministério público, sua morte e ressurreição.

Ensina São Cirilo de Jerusalém, nas Catequeses:

[...] e tudo sucedeu em vós à guisa de imagem, porque sois imagem de Cristo. Também Ele, batizado no rio Jordão, e depois de transmitir às

⁴ Comentário ao capítulo 4 do Evangelho de Mateus, conforme indicado na bibliografia.

águas a fragrância da divindade, saiu delas, e lhe sobreveio uma irrupção substancial do Espírito Santo, repousando sobre Ele o que lhe é igual. Também a vós, que saístes da piscina das correntes sagradas, se lhes deu o crisma, o antítipo da unção de Cristo. (2006, p. 468-469, tradução nossa)⁵

A unção do Jordão foi como uma antecipação figurativa e profética da unção definitiva que Jesus receberia do Espírito, na sua morte e ressurreição. Essa unção, que foi recebida de maneira incoativa na Encarnação, de uma maneira figurativa no Jordão e de uma maneira plena na Páscoa. Em cada unção, Jesus é pleno do Espírito, a fim de que possa ser doador do Espírito (Oñatibia, 2000).

Com efeito, observa-se que, no Jordão, há a inauguração da vida pública de Jesus. É um envio para a sua missão messiânica. “É a inauguração de seu serviço ministerial aos outros, depois de trinta anos de exercício de um sacerdócio real, mas escondido.”⁶ (Roberge, 1971, p. 225 tradução nossa). Tal evento representa o início de uma nova maneira de Jesus viver o seu sacerdócio, pois, a partir daquele momento, Ele começa a exercê-lo na Igreja, que nasce do batismo, a partir do seu Fundador. Então, Cristo começa a formar este novo Corpo visível, que continuará depois da Ascensão e Pentecostes.

Além disso, a unção recebida depois do batismo de João é manifestamente o início de uma solidariedade dos homens em Cristo-Sacerdote. A escolha do Senhor foi de tal modo verdadeira e autêntica que Ele não subiu ao Calvário sem unir toda humanidade em seu sacrifício, sem fazer-se pecado (2 Cor 5,21) por toda a sociedade humana. No Jordão, Jesus é, assim, mais expressamente acreditado como profeta junto aos homens. Ele mesmo reconhece ter a unção do Espírito para anunciar a Boa Nova aos pobres e proclamar um ano da graça do Senhor (Lc 4, 16-21).

Orígenes também entendia a profunda vinculação da Crisma com o batismo de Jesus no Jordão. Ele mesmo ensina no Comentário à Carta aos Romanos (*apud* Thurian, 1963) que todos os cristãos foram batizados na água e no óleo, indicando assim que o rito de unção crismal também é um batismo. Ou seja, é um revestir-se de uma identidade nova, de uma unção messiânica,

⁵ [...] y todo ha sucedido en vosotros a manera de imagen, porque sois imagen de Cristo. También Él, bautizado en el río Jordán, y después de transmitir a las aguas la fragancia de la divinidad, salió de ellas, y le sobrevino una irrupción sustancial del Espíritu Santo, reposando sobre él igual el que es igual. También a vosotros que salíais de la piscina de las corrientes sagradas se os dio el crisma, el antitipo de la unción de Cristo.

⁶ C'est l'inauguration de son service des autres après trente ans d'un sacerdoce réel, mais caché

para ser mais plenamente configurado a Cristo e em vista da missão de anunciar o Evangelho.

No mesmo sentido, Rábano Mauro, na Alta Idade Média, entendeu que o Espírito Santo é comunicado por meio da unção crismal. Assim, o Batismo no Espírito (a Crisma) possui seu fundamento no batismo de Cristo no Jordão:

Oportuna e certamente, o Batismo é continuado com a unção crismal, porque o Espírito Santo santifica os crentes com o crisma de suas virtudes. Batizado Jesus, de repente sobre ele desce [o Espírito], em forma de pomba: cujo tipo prefigurava certamente aquela pomba, que, no dilúvio, reconduziu o ramo de oliveira com folhas verdejantes, significa, sobretudo, que o Espírito Santo, pelo óleo verde do crisma, no batismo, confere a graça celestial aos fiéis. (Rábano Mauro, 1851, p. 313, tradução nossa)⁷

1.3 No Cenáculo, no Dia de Pentecostes

A Confirmação se insere precisamente em um dos momentos do mistério pascal de Cristo, na sucessão estrutural desse mistério, no momento da efusão do Espírito, como dom escatológico do Senhor ressuscitado, no dia de Pentecostes. Assim, o que significou o acontecimento de Pentecostes para os apóstolos e para a Igreja nascente, é o mesmo que significa para os confirmados de hoje. Para Borobio (1976, p. 92, tradução nossa), “a originalidade da Confirmação não está no dom do Espírito, mas no acontecimento a que este dom faz referência, com tudo o que traz consigo.”⁸

No mesmo sentido está Max Thurian (1963), o qual entende que a água do batismo é, na linha da teologia paulina, por meio da imersão e emersão, símbolo da morte e ressurreição de Cristo, predominando a ideia de purificação. Por sua vez, o dom do Espírito recobra um novo sinal, o acontecimento de Pentecostes, as línguas de fogo e a imposição das mãos na Igreja primitiva. Assim, a distinção entre o batismo de água e o batismo no Espírito [a Crisma] está baseada na separação do tempo entre a morte e ressurreição de Cristo e Pentecostes, em que há um derramamento do Espírito sobre a Igreja. Portanto,

⁷ Bene quidem baptismo continuatur chrismatis unctio, quia Spiritus sanctus qui per illud chrisma suae virtutis admistione sanctificat credentes, baptizato Jesu statim super illum in columbae specie descendit: cujus videlicet typum praeferebat columba illa, quae in diluvio ad arcam reportavit ramum olivae virentibus foliis, significans utique quod Spiritus sanctus per chrismatis unctionem in baptizate virorem confert fidelibus coelestis gratiae.

⁸ la originalidad de la confirmación no está en el don del Espíritu, sino en el acontecimiento al que este don hace referencia directa, con todo lo que lleva consigo.

no evento pentecostal, os apóstolos recebem o dom do Espírito que lhes traz a plenitude da redenção, fazendo com que eles perseverem até o fim na obra de Deus.

E como acontecimento pentecostal, insere-se em um dos momentos estruturais da Igreja, no qual ela foi constituída como comunidade messiânica e enviada ao mundo. Dessa forma, a Confirmação supõe uma reincorporação da Igreja no mundo, nas tarefas de expansão e edificação. Por isso, é um sacramento constitutivo da mesma Igreja.

Na Tradição da Igreja, Agostinho⁹ (1864) associa o sacramento da Crisma com o evento de Pentecostes, afirmando que, aqueles que, pela imposição das mãos, recebem o Espírito Santo passam, como os apóstolos, a falar em outras línguas, não apenas indicando que o anúncio do Evangelho se espalharia por toda a Terra, assumindo as línguas dos povos, mas também uma linguagem espiritual, o amor à paz, à unidade e à Igreja.

Ademais, Tomás de Aquino¹⁰ (2016) ensina que, pelo sacramento da Crisma, é conferido o Espírito Santo, como aos apóstolos, no dia de Pentecostes. E, como fruto da missão do Espírito Santo, é derramada a graça santificante. Assim, aqueles que recebem a Crisma recebem a plenitude do Espírito, para a vivência da idade espiritual perfeita.

Por sua vez, a Constituição Apostólica *Divinae Consortium Naturae* (1971), importante texto recente do magistério da Igreja sobre o Sacramento da Confirmação, associa a instituição e fundamento originante do referido sacramento em Pentecostes e na imposição das mãos que os apóstolos passaram a realizar sobre os neófitos, a partir de então. O sacramento crismal é colocado como um complemento à graça batismal, da mesma maneira que o Pentecostes foi para a Páscoa. Evocando esse argumento, foi realizada a mudança na fórmula de colação do sacramento, realçando, assim, a sua profunda ligação com o evento pentecostal.

De fato, se, no uso antigo, se dizia: “Eu te assinalo com o sinal a cruz e com o crisma da salvação”, agora, nos ritos reformados pelo Vaticano II, se diz: “Recebe, por este sinal, o Espírito Santo, dom de Deus”. Em vista disso, nota-se que a fórmula atual realça a ideia de que o crismando receberá o Espírito, como os apóstolos, no dia de Pentecostes, e que o Espírito Santo é um dom, dado pelo próprio Senhor Ressuscitado, indicando, assim, a relação entre Páscoa e Pentecostes, transportada para o plano sacramental, ao Batismo e à Crisma.

⁹ In Joannis Evangelium. Tratado VI, cap. III, conforme indicação bibliográfica.

¹⁰ Suma Teológica, Parte III, questão 72, conforme indicação bibliográfica.

1.4 Na Plenitude Escatológica

A dimensão escatológica constitui também um capítulo importante da teologia da Confirmação. A unção crismal vem reforçar a orientação escatológica que a vida do cristão recebeu no batismo. A própria Escritura faz essa ligação entre a plenitude do Espírito e a dimensão escatológica. Por exemplo, em At 2, 17-21, relaciona-se diretamente o dom do Espírito com os últimos dias (Is 32,15; Ez 36,26-27 e Jl 3 ,1-2). Por outra parte, numerosas passagens do Novo Testamento falam do Espírito Santo dado à Igreja como arras, primícia, promessa, penhor de vida eterna e selo, que é impresso na alma como proteção para o último dia (Rm 8, 11-23; 2Cor 5,2-5 e Ef 1,13-14; 4,30).

Para Borobio (1976), o caráter da Crisma é a maneira decisiva e escatológica com que o Espírito manifesta sua presença ativa em um membro da Igreja. É uma manifestação de que o dom escatológico de Cristo assume forma histórica nos cristãos confirmados, selando-os com uma pertença definitiva e orientando-os até à plena manifestação na vida eterna. Dessa forma, o selo espiritual é primícia e penhor da consumação escatológica, mas também de esperança para o hoje do cristão, em vigília pela manifestação gloriosa do Senhor, na parusia.

Também, na bênção do óleo do crisma, a dimensão escatológica está presente, sobretudo na parte epiclética: pede-se que, em virtude do sacramento da Confirmação, permaneçam os bens recebidos no batismo até à sua frutificação plena na outra vida. O dom do Espírito, assim, é penhor da consumação final. Conforme oração do rito antes da consagração do óleo, no rito sírio ortodoxo (*apud* Varghese, 1989), pede-se que todos aqueles que são consagrados com o óleo, estejam ante o Senhor, no dia do juízo, como as estrelas do Céu, na glória dos santos e recebam as tendas eternas dos santos, segundo as promessas divinas e sejam contados entre os primogênitos que estão inscritos no Céu.

Ambrósio de Milão (2019, p. 47) ensina que a unção crismal é uma unção para a vida eterna: “se, por exemplo, aparecer algum inimigo, se pretende tirarte a fé [...] vê o que escolhes. Não queiras escolher aquilo em que não foste ungido, de forma a preferires a vida eterna à vida temporal”. Aparece aqui a “personalidade” própria da unção, como constitutiva, em si, de uma graça nova e original, independente do Batismo, apesar de estar correlacionada com ele.

Por seu turno, Tomás de Aquino¹¹ (2016) ensina que a presença do perfume na confecção do crisma se deve ao fato de que este se presta à

¹¹ Suma Teológica, Parte III, questão 72, conforme indicação bibliográfica.

incorrupção. O sinal, estampado com a unção crismal, é sinal de reconhecimento e de proteção durante a vida, mas também na hora do cristão apresentar-se perante o Supremo Juiz.

2 A Crisma: a “Ordenação” Laical

A Crisma é um sacramento essencialmente pneumatológico, apesar de não o ser exclusivamente, já que é do Pai que o Espírito procede por meio do Filho. E, como pneumatológico, é profundamente eclesiológico, já que é o Espírito que atua na Igreja, fazendo com que ela seja fiel à mensagem e missão dada pelo Cristo. Conforme Hamman (1982), Pneumatologia e Eclesiologia devem estar coordenadas e não justapostas, pois, para a fé, a Igreja é a Igreja do Espírito, que lhe dá existência e se expressa nela.

Nesse contexto, convém destacar duas passagens dos Atos dos Apóstolos, que trazem o gesto apostólico da imposição das mãos: At 8, 14-17, na qual Pedro e João impõem as mãos sobre os samaritanos evangelizados e batizados por Felipe, e At 19, 1-6, quando Paulo batiza, em Éfeso, os discípulos de João e lhes impõe as mãos.

Apesar da exegese mais recente, conforme Hamman (1982), Congar (1991) e Oñatibia (2000), não encontrar nesses textos um embasamento bíblico para a instituição do sacramento da Confirmação, eles possuem uma dimensão eclesiológica importante, que é ínsita à índole da Crisma. Com efeito, os textos bíblicos tratam da inserção plena das pessoas batizadas na comunidade apostólica, a Igreja. Essas pessoas serão plenamente da Igreja, quando representantes qualificados de sua apostolicidade lhes tenham assumido publicamente, por meio do gesto da imposição das mãos. Daqui reside o fato de que a Confirmação se reserve, no Ocidente, ao bispo e, no Oriente, apesar de não ser o bispo quem ministre o sacramento, o óleo utilizado é abençoado por ele.

O dom recebido na Crisma, conforme Borobio:

se especifica não pelo que é em si, mas pela “qualificação” que adquire ao dar-se tanto em uma situação eclesial concreta, quanto em uma situação pessoal particular. E é o dom do Espírito no novo acontecimento pentecostal da confirmação, é um dom que discerne, edifica e constrói a Igreja na unidade [...].¹² (1976, p. 95, tradução nossa)

¹² Se especifica no por lo que es en sí, sino por la “cualificación” que adquire al darse tanto en una situación eclesial concreta, cuanto en una situación personal particular. Y es el don del Espíritu en el nuevo acontecimiento pentecostal de la confirmación, es un don que discierne, edifica y construye la Iglesia en la unidad

A palavra qualificação não deve ser entendida apenas como algo funcional, superficial ou adjetivo. Não é tampouco uma honraria espiritual, mas possui uma dimensão ontológico-espiritual, pois é um sacramento que confere caráter, selo indelével do Espírito, que não é apenas em vista de uma missão, mas é também constitutivo do ser cristão. Além disso, a unção com o óleo inspira o tema do perfume que o crismado deve exalar, na sua ação e missão (Hamman, 1982).

Por isso, pode-se falar que, por meio do sacramento da Crisma, da unção que imprime um selo espiritual pelas mãos do Bispo, que é ministro originário (LG, n. 26) e, no Ocidente, é também ministro ordinário desse sacramento. O batizado agora é revestido de uma segunda unção do Espírito (a primeira foi no batismo), que o torna mais configurado a Cristo. E, agora, como ungido do Senhor, torna-se, por antonomásia, seu ministro e servidor.

Porquanto, *mutatis mutandis*, a Confirmação pode ser entendida como uma “ordenação laical”, já que torna ainda mais pleno o exercício do sacerdócio comum dos fiéis e qualifica o crismado ao exercício público do anúncio e da colaboração nas tarefas da Igreja, seja no serviço litúrgico, pastoral, administrativo e missionário. Consoante a isso, Fausto de Riez¹³ (1997) assevera que no Batismo é obtida a remissão dos pecados e na Crisma, com a vinda do Espírito Santo, são conferidos carismas prodigiosos e sinais miraculosos, entendendo, assim, que essa unção do Espírito capacita para a missão e o anúncio.

Ressalte-se ainda que a participação mais plena no sacerdócio comum habilita o crismado, de forma ainda mais perfeita, para a vivência do *sensus fidei*, tornando-o mais sensível e aberto ao discernimento e inspirações do Espírito em sua vida e experiência de fé, além de salvaguarda e garantia da reta fé, frente aos erros. Assim, pode-se falar oportunamente que o sacramento da Crisma possui estreita vinculação com a dimensão sinodal da Igreja, tão em voga nos tempos atuais, pois se celebra atualmente um Sínodo na Igreja universal.

Com efeito, já que a sinodalidade está profundamente enraizada no sacerdócio comum dos fiéis, o qual tem seu fundamento e origem na unção do Espírito (PO, n. 2), a Confirmação é elemento de edificação da assembleia sinodal, seja local ou universal, e do reconhecimento da ação do Espírito em cada confirmado. Assim, o sacramento da Crisma se configura como uma legitimação do exercício sinodal na Igreja.

¹³ Cap. 4, conforme obra indicada na bibliografia.

Ademais, como toda ação litúrgico-sacramental, a confirmação é celebração da Igreja, pertencendo a todo o Corpo eclesial, influenciando nele e manifestando-o (SC, n. 26). A nível local, tal dimensão é manifesta, pois, no Ocidente, a celebração é presidida pelo bispo, estando ali presentes presbíteros, diáconos, os padrinhos dos crismandos e demais membros da comunidade. Mais ainda, a celebração do sacramento da Crisma é autorrealização da Igreja, como sacramento de salvação (LG, n. 1), que é animado pela presença e atividade do Espírito.

Dessa forma, a Igreja vai crescendo e estruturando-se, à medida que seus novos membros vão sendo integrados de forma mais plena, pelo sacramento da Confirmação. Como ensina o Ritual da Crisma, esse sacramento é um instrumento privilegiado nas mãos do Espírito para progredir todo o Corpo da Igreja na unidade e na santidade. Assim,

a celebração do sacramento da confirmação é, pois, epifania e autorrealização da Igreja em sua dimensão pneumatológica e pentecostal, como o fora para ela o acontecimento de Pentecostes e o havia sido para Jesus seu Batismo no Jordão.¹⁴ (Oñatibia, 2000, p. 243, tradução nossa).

Ademais, o sacramento da Crisma aumenta os vínculos de caridade entre os membros da comunidade de fé, unindo-os mais perfeitamente à Igreja (LG, n. 11). Tornam-se membros mais perfeitos do Povo de Deus (RC, n. 35 e 36). Por isso, os crismados passam a se comprometer e responsabilizar-se ainda mais no crescimento da comunidade eclesial, podendo ainda participar publicamente nas tarefas próprias da Igreja.

Da mesma forma, não pode ser consumado cristão sem que se expresse essa unção espiritual. São Cirilo de Jerusalém (2006) vê, na unção do cristão, o antítipo da unção de Cristo. A Confirmação dá uma participação nos ofícios de Cristo de rei, sacerdote e profeta. Ao descrever o exercício do sacerdócio comum dos fiéis nos sacramentos, a Constituição dogmática *Lumen Gentium* declara:

A índole sagrada e orgânica da comunidade sacerdotal efetiva-se pelos sacramentos e pelas virtudes. Os fiéis, incorporados na Igreja pelo Batismo, são destinados pelo caráter batismal ao culto da religião cristã e, regenerados para filhos de Deus, devem confessar diante dos homens a fé que de Deus

¹⁴ La celebración del sacramento de la confirmación es, pues, epifanía y autorrealización de la Iglesia en su dimensión pneumatológica y pentecostal, como lo fuera ya para ella el acontecimiento de Pentecostés y lo había sido para Jesús su Bautismo en el Jordán.

receberam por meio da Igreja. Pelo sacramento da Confirmação, são mais perfeitamente vinculados à Igreja, enriquecidos com uma força especial do Espírito Santo e deste modo ficam obrigados a difundir e defender a fé por palavras e obras como verdadeiras testemunhas de Cristo. (LG, n. 11)

Dessa maneira, pode-se entender a Igreja como comunidade daqueles que, crismados pelo Espírito Santo, são chamados a dar testemunho de Cristo, anunciando e confessando a fé, se preciso, até ao martírio¹⁵. A força do anúncio do testemunho vem do Espírito Santo e fortalece o chamado para não desanimar na missão. Sobre isso, assim expressa o Decreto *Apostolicam Actuositatem*:

O dever e o direito ao apostolado advêm aos leigos da sua mesma união com Cristo cabeça. Com efeito, inseridos pelo Batismo no Corpo místico de Cristo, e robustecidos pela Confirmação com a força do Espírito Santo, é pelo Senhor mesmo que são destinados ao apostolado. São consagrados em ordem a um sacerdócio real e um povo santo (cfr. 1 Ped. 2, 4-10) para que todas as suas atividades sejam oblações espirituais e por toda a terra deem testemunho de Cristo. E os sacramentos, sobretudo a sagrada Eucaristia, comunicam e alimentam neles aquele amor que é a alma de todo o apostolado. (AA, n. 3)

O dom batismal aponta para uma plenitude que, pela fé e unção do Espírito Santo, é comunhão no mistério de Cristo em vista da salvação escatológica. Essa plenitude tem que ser desenvolvida, atualizada conforme a vontade de Deus e segundo o desenvolvimento da consciência humana e na sua inserção na sociedade e na história (Congar, 1991).

Nesse sentido, Santo Tomás de Aquino¹⁶ (2016) apresenta a sua teologia sacramental, distribuindo os sacramentos segundo as etapas e as necessidades da vida do ser humano. Se o batismo corresponde ao nascimento, a Crisma corresponde à chegada da idade adulta da fé, em que se começa a relacionar-se com os outros como pessoa autônoma, sentindo-se solidário e responsável na comunidade em que está inserido, na Igreja. Tomás relaciona a novidade dessa etapa com Pentecostes, com a vida dos apóstolos. De fato, eles receberam o Espírito Santo como graça e apostolado, para realizar a missão de testemunho e evangelização.

¹⁵ Cf. Eusebio Gallicanus, 1970, p. 339: Ita que: ante descensionem spiritus sancti usque ad negationem apostoli deterrentur; post visitationem vero eius usque ad martyrium contemptu salutis armantur. (Homilia XXIX - Sobre Pentecostes)

¹⁶ Suma Teológica. Parte III. Questão 72, conforme indicação bibliográfica.

No mesmo sentido, comenta Roberge:

O confirmado é assim aquele que recebe o poder e a missão de exercer com os outros cristãos e mais que nunca pelos outros a tríplice função do sacerdócio batismal. Nesse sentido, sua ligação com a Igreja se torna mais perfeita. A sociedade eclesial pode contar com a sua colaboração porque o crismado se engajou para trabalhar ativamente em seus quadros e segundo seus projetos. (1971, p. 229, tradução nossa)¹⁷

Ainda continua Santo Tomás¹⁸ (2016), afirmando que o bispo confirma o batizado contra a pusilanimidade, entendida como oposta à magnanimidade, por meio da qual se assume um espírito empreendedor capaz de realizar ações pertinentes e cumprir compromissos que dão frutos. Assim, a pusilanimidade representa a atitude dos apóstolos, antes da vinda do Espírito, receosos e medrosos, mas, quando o Espírito é comunicado podem anunciar e testemunhar a Cristo até os confins da terra.

De acordo com Roberge (1971), enquanto que o batismo faz nascer para a vida cristã, a Confirmação faz viver como adulto em Cristo, não apenas como membro do Corpo Místico, mas como membro ativo da Igreja. Pelo caráter da Confirmação, portanto, há uma recepção nova do Espírito, uma participação mais plena nos seus dons, que levam a uma maior identificação com Jesus, que conduz a uma maior participação no seu ministério, pelo sacerdócio comum dos fiéis.

Com efeito, a Confirmação configura o cristão com o Cristo *Cultor Dei*, sacerdote e vítima, e *Sanctus Dei*, sendo um no amor, com o Pai, fazendo da sua vida um culto espiritual e uma participação na obra redentora de Jesus, em vista da salvação do mundo. Assim, o cristão permite uma continuação da obra da Encarnação, sendo sacramento de Cristo no mundo.

Ainda, esse sacerdócio comum é manifestado nas ações litúrgicas, sobretudo na celebração da Eucaristia, em que há uma autenticação do agir cristão, seja no interior da Igreja, como também para o mundo, já que, em cada celebração eucarística, renova-se o memorial da salvação pascal de Cristo, operada em favor de toda a humanidade. E esse culto só pode ser realizado por aqueles que foram mergulhados em Cristo no batismo e ungidos com Ele, pelo óleo crismal.

¹⁷ Le confirmé est donc celui qui reçoit pouvoir et mission d'exercer avec les autres chrétiens et plus que jamais pour les autres la triple fonction du sacerdoce baptismal. En ce sens, son "lien avec l'Église devient plus parfait". La société ecclésiale peut compter sur sa collaboration puisqu'il s'est engagé à travailler activement dans ses cadres et selon ses plans.

¹⁸ Suma Teológica. Parte II. Questão 129 e seguintes, conforme indicação bibliográfica.

Em vista disso, a liturgia primitiva da Tradição Apostólica exigia que aqueles que tomassem parte na Eucaristia já devessem ter recebido o selo do Espírito. A Igreja oriental tem mantido escrupulosamente tal prática, só concedendo a comunhão eucarística depois do cristão ter recebido a unção crismal. Com efeito, a Eucaristia é o sacrifício do Cristo total: “é a partir de sua Confirmação que o cristão pode se apresentar ali como responsável do Corpo de Cristo.¹⁹” (Roberge, 1971, p. 232, tradução nossa).

A unção da Confirmação, de fato, é *signaculum Domini*, conforme Cipriano de Cartago (2013)²⁰, uma acreditação oficial, conforme Tomás de Aquino²¹ (2016), um poder espiritual para praticar certas outras ações sagradas além das que o batismo torna possíveis. Essa unção é dada para viver, em comunhão com a Igreja, a tríplice função do sacerdócio de Cristo:

Da mesma maneira que a unção de Cristo no Jordão o direcionou muito menos para um ser sacerdotal especificamente novo do que para uma nova maneira de viver o sacerdócio já recebido na Encarnação, assim, a unção da segunda etapa da iniciação cristã não é uma direção para o cristão iniciar tarefas fundamentalmente novas, mas para viver de uma maneira mais oficial e mais engajada na Igreja a tríplice dimensão do seu sacerdócio batismal. (1971, p. 229, tradução nossa)²²

É importante sublinhar, porquanto, o caráter eclesial da unção da Confirmação. Como o Cristo no Jordão, o confirmado é aquele que começa a sua missão, a agir missionariamente, na Igreja e no mundo. Assim sendo, convém que essa unção seja ministrada pelo Bispo, chefe da Igreja local, e legítimo sucessor dos apóstolos, outrora presentes no dia de Pentecostes, como costuma acontecer na Igreja latina. Padres, como Santo Atanásio²³ (1857), Ambrósio de Milão²⁴ (2019) e Agostinho (1998), viam no Salmos 133 (132), a imagem dessa realidade: o óleo da unção que desce da cabeça de Aarão (o Cristo), chega até à sua barba (os apóstolos), até chegar à orla do manto (todos os cristãos).

¹⁹ Et c'est à partir de sa confirmation que le chrétien peut s'y présenter comme responsable du Corps du Christ

²⁰ Epístola a Demetriano. Obras Completas, conforme indicado na bibliografia.

²¹ Suma Teológica, Parte III, questão 72, conforme indicação bibliográfica.

²² De même que l'onction du Christ au Jourdain commandait chez lui beaucoup moins un être sacerdotal spécifiquement nouveau qu'une nouvelle façon de vivre le sacerdoce déjà reçu à l'Incarnation, ainsi l'onction de la seconde étape de l'initiation chrétienne n'est pas tant ordonnée à députer le chrétien à des tâches foncièrement nouvelles qu'à le charger de vivre de façon plus officielle et plus engagée dans l'Église la triple dimension de son sacerdoce baptismal.

²³ Comentário ao Canticum Graduum CXXXII 1,2, conforme indicação bibliográfica.

²⁴ Sobre os Mistérios (6,30), conforme indicação bibliográfica.

Dessa maneira, a Tradição largamente sublinhou o alcance social do sacerdócio da Confirmação, como a feliz analogia entre tal sacramento e a ordem militar: o soldado é aquele que está sempre pronto para lutar em combate, defendendo não seus próprios interesses, mas os da coletividade de que é parte. As Falsas Decretais (*apud* Thurian, 1963, p. 60, tradução nossa), por exemplo estabelecem que “a tarefa militar requer um soldado apropriado, após o recrutamento, não apenas alistá-lo, mas também colocá-lo no serviço de armas; no batismo [no rito de iniciação], a bênção [a unção crismal] constitui esse envio à missão.²⁵”. No mesmo sentido, também Ambrósio (2019), no Livro I Sobre os Sacramentos; Agostinho (1955), no Tratado sobre o Evangelho de João 33,4; na Homília XXIX, sobre Pentecostes, de Eusebius Gallicanus (1970) e em Tomás de Aquino²⁶ (2016). A Crisma é, assim, a força para o bom combate da fé (2Tm 4,7).

Além disso, a unção do Espírito na Crisma confere um revigoramento para manter-se no testemunho, com a força e a coragem, do mistério cristão, mesmo nos seus aspectos mais desafiantes, seja na vida pessoal ou na sociedade. Essa mesma unção confere, assim, a força para testemunhar até ao martírio, mas também no interior da comunidade eclesial. De fato, a Confirmação leva a uma maior compreensão do mistério da Cruz e da incorporação do cristão ao Cristo morto e ressuscitado. É uma investidura pública de sua missão no mundo e uma manifestação de que o dom escatológico do Ressuscitado continua presente na Igreja, dando uma força nova para o testemunho (Borobio, 1976).

Conclusão

Por tudo isso, o presente artigo não possui a pretensão de oferecer uma conclusão definitiva e acabada sobre os fundamentos pneumatológicos do Sacramento da Crisma, mas apontar um caminho de reflexão que permita o contínuo aprofundamento do tema. Com efeito, o seu intento principal era apresentar a sacramentalidade da Confirmação, a partir dos dados da economia da salvação vinculados ao Espírito Santo e tecer uma reflexão sobre, em que medida esses dados da economia possuem repercussão na vida do cristão crismado.

Tendo em vista as limitações próprias de um artigo, muitas questões referentes ao presente tema não puderam ser abordadas, tais como a dimensão

²⁵ [...]military procedure requires the appropriate officer, upon inducting a recruit, not only to enlist him but also to issue him service arms; in baptismal procedure, the blessing constitutes this issue.

²⁶ Suma Teológica, Parte III, questão 72, conforme indicação bibliográfica.

pneumatológica do caráter sacramental e a teologia do Espírito no rito do sacramento da Confirmação. Assim, a questão permanece aberta para posteriores estudos e aprofundamentos.

Dessa forma, como todo sacramento, a Crisma possui vinculações próprias com eventos da história da salvação. A Tradição identificou três momentos principais: no início da criação, quando o Espírito pairava sobre as águas e no dilúvio, chamado de batismo do mundo. A Confirmação, como complemento, e não como suplemento, do Batismo, retira o ser humano do caos de si mesmo, ordenando-o conforme o desígnio salvífico divino.

Ainda, no batismo de Jesus no rio Jordão, há manifestação do Espírito em forma de pomba e Jesus revela a sua identidade filial. Assim, o batismo do Senhor é protótipo do de todo cristão, já que, mergulhado com Ele, na sua morte, partilha-se de sua ressurreição, para, depois, já emerso da água, receber a plenitude do Espírito.

Enquanto que o batismo torna filhos no Filho, fazendo o cristão participar no mistério da morte e ressurreição do Senhor, a Confirmação torna o crismado participante da mesma unção do Cristo, no Jordão, onde se começou a agir na Igreja. A Confirmação é o Jordão do cristão atual como o foi o Pentecostes na Igreja primitiva, por isso, a vinda do Espírito Santo sobre os apóstolos é considerado principal evento salvífico que fundamenta o sacramento da Crisma, por seu caráter pneumatológico eloquente e manifesto, além dos frutos que produziu, no anúncio e na missão da Igreja primitiva.

O sacramento da Crisma, portanto, não deve ser entendido como uma mera ratificação do batismo, como ocorre quando do rito litúrgico de renovação das promessas batismais, na solene Vigília Pascal, por exemplo. Mas é uma graça autônoma e original, apesar de profundamente interligada à graça batismal (“batismo branco”).

De fato, pode ser chamado de “batismo no Espírito” ou “batismo vermelho”, porque faz alusão à unção crismal que o próprio Jesus recebeu do Espírito Santo, bem como à graça de Pentecostes, com o derramamento do Espírito sobre os apóstolos e a Igreja primitiva. Por isso, a Crisma é uma manifesta consagração do batizado no sacerdócio de Jesus Cristo, na dimensão do sacerdócio comum dos fiéis. Assim, assume publicamente a sua missão no interior da comunidade eclesial, mas também no âmbito *extra ecclesia*, por meio do anúncio do Evangelho e do testemunho.

Por fim, a Crisma, por meio da assinalação na fronte, imprime caráter, não apenas identificando e configurando o crismado na unção do Espírito para a missão, mas também é penhor e garantia da vida eterna. Dessa forma,

tal sacramento aponta para a eternidade, quando o Espírito consumará a sua obra de salvação e comunhão da pessoa humana entre si, com os irmãos e com Deus mesmo.

Referências

- AGOSTINHO. *Opera Omnia. In Joannis Evangelium*. Paris: J. P. Migne, 1864.
- AGOSTINHO. *Obras de San Agustín. Tratados sobre el Evangelio de Juan (1-35)*. Tomo XIII. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1955.
- AGOSTINHO. *Comentários aos Salmos (101-150)*. Vol. 3 São Paulo: Paulus, 1998.
- AMBRÓSIO DE MILÃO. *Os Sacramentos e os Mistérios: Iniciação Cristã na Igreja Primitiva*. Petrópolis, Vozes, 2019.
- ATANÁSIO. *Opera Omnia. Expositiones in Psalmos*. Patrologiae Graecae. Tomus XXVII. Paris: J. P. Migne, 1857.
- BÍBLIA. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.
- BINDELLA, Francesco. *Pneumatologia Fundamental Bíblica*. Apostila Curso de Extensão. Universidade Católica do Salvador. Salvador, 2019.
- BOROBIO, Dionisio. *Confirmar Hoy. De la Teología a la Praxis*. Bilbao: Desclee de Brouwer, 1976.
- CIPRIANO DE CARTAGO. *Obras Completas*. Tomo I. Ed. Juan Gil Antonio-Tamayo. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2013.
- CIRILO DE JERUSALÉM. *Catequesis*. Biblioteca de Patrística. Madrid: Ciudad Nueva, 2006.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos e declarações*. Petrópolis: Vozes, 1968.
- CONGAR, Yves. *El Espíritu Santo*. Barcelona: Herder, 1991.
- DENZINGER, Heinrich; HÜNERMANN, Peter. *Compêndio dos Símbolos e Declaração de Fé e Moral*. São Paulo: Loyola, 2007.
- EUSEBIUS GALICANNUS. *Corpus Christianorum*. Series Latina CI. Turnhout: Typographi Brepols Editores Pontificii, 1970.
- FAUSTO DE RIEZ. *Lo Spirito Santo*. Trad. Claudio Micaelli. Roma: Città Nuova, 1997.
- HAMMAN, Adalbert. *El Bautismo y la Confirmación*. Col. El Misterio Cristiano. Teología Sacramental. Barcelona: Herder, 1982.

HILÁRIO DE POITIERS. *Commentary on Matthew*. Trad. D. H Williams. Washington: The Catholic University of America Press, 2012.

JOSEMARIA ESCRIVÁ. *É Cristo que Passa. Homilias*. São Paulo: Quadrante, 2018.

OÑATIBIA, Ignacio. *Bautismo y Confirmación*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2000.

PAULO VI, papa. *Carta Apostólica Divinae Consortium Naturae* (sobre o sacramento da Confirmação). Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_constitutions/documents/hf_p-vi_apc_19710815_divina-consortium.html. Acesso em: 18 jul. 2022.

RÁBANO MAURO. *Opera Omnia*. Paris: Migne, 1851.

ROBERGE, R-Michel. *La Confirmation, Sacrement de la Vie en l'Église*. Laval Théologique et Philosophique, Universidade de Laval, Montreal, 27 (3), 1971, p. 219-243.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *Ritual da Confirmação*. São Paulo: Paulus, 1998.

SCHILLEBEECKX, Edward. *Cristo, Sacramento del Encuentro con Dios*. San Sebastián: Ediciones Dinor, 1965.

TERTULIANO. *Traité du Baptême*. Sources Chrétiennes. Paris: Les Éditions du Cerf, 1952.

TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. Parte II. Vol 3. Campinas: Ecclesiae, 2016.

TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. Parte III. Vol 4. Campinas: Ecclesiae, 2016.

THURIAN, Max. *Consecration of the Layman. New Approaches to the Sacrament of Confirmation*. Baltimore: Helicon, 1963.

VARGHESE, Baby. *Les Onctions Baptismales dans la Tradition Syrienne*. Corpus Scriptorum Orientalium. Subs 82. Louvain: Peeters Publishers, 1989.

Artigo recebido em 25/06/2024 e aprovado para publicação em 30/08/2024

Como citar:

FORNASIER, Rafael Cerqueira; VALOIS, Jorge Ricardo da Silva. Aspectos Pneumatológicos do Sacramento da Crisma. *Coletânea*. Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 23, n. 46, p. 187-206, jul./dez. 2024. DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v23i46-2024-3>